

A ENCENAÇÃO DA ESCRITA EM SÉRGIO SANT'ANNA

Nayara Marfim Gilaberte Bezerra
Doutoranda em Literatura, Cultura e Contemporaneidade (PUC-Rio)
nmarfim@gmail.com

RESUMO

Este artigo traz algumas reflexões sobre possíveis nuances da valorização e construção midiática da figura/*persona* do escritor no mundo contemporâneo, discutindo possíveis questões relacionadas à forma como esses aspectos incidem na produção e recepção de suas criações artísticas. Partindo de um mapeamento inicial que apontou para a crescente participação de escritores em atividades que acontecem em torno do livro, como as entrevistas, palestras, feiras, programas de televisão etc., o presente trabalho reflete sobre os processos de construção de uma identidade imagética que insere o autor da atualidade como ator no cenário discursivo do sistema midiático-literário. Para tanto, relaciona o conceito de autoria com o de *performance* e analisa alguns processos da construção de personagens-escritores em diferentes produções metaliterárias de Sérgio Sant'Anna.

PALAVRAS-CHAVE: Autoria, Metaliteratura, Performance, Sérgio Sant'Anna.

ABSTRACT

This paper addresses some nuances concerning the appraisal of the author's figure and the construction by the media in the contemporary world. It also discusses possible issues associated with its reflection in the production and acceptance of his artistic creations. Starting from an initial mapping, which pointed to the increasing participation of writers in book activities, such as interviews, lectures, book fairs, television shows etc., this paper reflects on the building processes of an iconic identity that places the contemporary writer as an actor in the discursive scenario of the media-literary system. Therefore, it relates the concept of authorship with the concept of performance and it analyzes some processes of writers-characters building in different metaliterary productions of Sérgio Sant'Anna.

KEYWORDS: Authorship, Metaliterature, Performance, Sérgio Sant'Anna.

Em *Um romance de geração* (2009), Sérgio Sant'Anna conta a história de um personagem-escritor que recebe em sua casa a visita de uma jornalista interessada em realizar uma entrevista para seu artigo sobre a literatura brasileira durante a ditadura. A falsa peça teatral, ficção inspirada pelas perguntas da entrevistadora, traz para a cena literária da década de 1980 o jogo entre autor, ator, personagem, leitor, mídia e público de forma bastante provocadora.

Carlos Santeiro é o personagem-escritor do livro. *Ele* (pronome utilizado para marcação das falas de Santeiro durante toda a trama) é um escritor mineiro que, apesar de ter lançado um livro de sucesso na época da ditadura, se encontra em um momento de crise existencial, ao amargar, concomitantemente, fracassos amorosos, estéticos, políticos e literários. O escritor (Santeiro? Sant'Anna?) constrói com os diálogos da entrevista um ato teatral que funciona como um vertiginoso jogo de espelhos. Não se trata, na trama, da vivência de uma cena que inspira a pós-criação de uma obra teatral. Mas, ao contrário, de uma narrativa que performa a própria experiência, explorando até a última instância a ideia de atuação como algo que se produz no aqui e agora, no ato mesmo da escrita.

O livro, originalmente lançado em 1980, foi recentemente republicado pela editora Companhia das Letras e recebeu uma montagem para o cinema, quando, mesmo gravado com recursos escassos, foi considerado um dos filmes-fetiche do Festival do Rio em 2008. A contínua e boa recepção da obra parece, por sua vez, estar relacionada à forma como Sant'Anna dialoga com as questões do nosso tempo, expondo, em suas criações artísticas, bastidores que propiciam uma reflexão sobre o próprio fazer literário. Essa exposição, por sua vez, não aparece apenas durante a narrativa e por meio do escritor-personagem. *Um romance de geração* (2009) tem em seu nome o termo 'romance', gênero bastante conhecido, e também a descrição: *teatro-ficção*. Há, aí, o primeiro sinal: estamos diante de uma construção narrativa nada convencional, que joga com a sua estrutura e com as nossas expectativas. Uma vez que o jogo é aceito, criamos o romance e assistimos à peça dramática, que se constroem, simultaneamente, durante a leitura.

Embora a exposição do fazer literário seja um tema recorrente na obra de Sant'Anna, em *Um romance de geração* (2009) nos deparamos com um caso peculiar: trata-se, também, de uma exposição do que se faz em torno do livro. Ou, mais exatamente, do que faz um escritor quando não escreve, em tempos de valorização do audiovisual, de forte dominação da cultura midiática e televisiva. É o que nos aponta Santeiro ao saber, em um diálogo conflituoso com a jornalista, que sua entrevista poderá ser veiculada no suplemento literário de domingo de um jornal de grande circulação: “E eles, depois de verem o meu retrato e o meu papo no jornal, subitamente me reconhecerão e pelo menos uma dúzia deles poderá se iluminar. Porque vai sair meu retrato, não vai? E o fotógrafo? Cadê o fotógrafo?” (SANT'ANNA, 2009, p. 41).

Essa fala, que pego emprestada de Santeiro, aparece aqui como ilustração do tema discutido no presente trabalho. O escritor da atualidade, disse Sérgio de Sá (2010), “vive menos do livro do que em torno do livro”. E em torno do livro estão entrevistas, palestras, apresentações, mesas, conferências e programas de televisão. Diante disto, embora pareça haver uma tendência negativamente crítica em relação à construção de uma figura pública, menos valorizada do que a imagem do escritor intelectual discreto e solitário, desconfio que hoje, para habitar um lugar de destaque no disputado circuito artístico-literário da atualidade, torne-se cada vez mais importante que o autor jogue com a sua própria voz, escolhendo imagens e espaços para uma infundável construção narrativa. Parece estratégico, com isso, que os textos sejam escritos para além dos livros publicados, em um processo contínuo de exposições que acontecem em diferentes meios e nunca se encerram, uma vez que, a todo momento, novos conteúdos podem ser acrescentados às suas criações artísticas. Esse jogo, por sua vez, assinala um novo campo de pesquisa no âmbito dos estudos literários, apontando a necessidade de expansão dos questionamentos da crítica para o âmbito dos estudos midiáticos, posto que sugere um possível deslizamento da obra para um circuito comunicativo amplo, em que os textos escritos se sobrepõem à vida, em que o escritor se sobrepõe à personagem.

No texto, o irônico personagem-escritor satiriza:

[...] Porque foi aí – logo depois da minha maior perda – que eu tive a ideia luminosa. Que o romance do meu edifício, do meu bairro, da nossa cidade, do nosso tempo, não seria o romance de nossas vidas, de nossas pequenas dores e triunfos, de nossos crimes, paixões, comédias, traições. E sim o romance de nossas vidas, nossas pequenas dores e triunfos, nossos crimes, paixões, comédias, traições, mas tudo se passando numa tela de televisão. Como se nós usássemos contra a vida uma tela protetora, um escudo, igual àquele anúncio de pasta de dente (SANT’ANNA, 2009, p. 33-34).

A insistente apropriação de elementos da cultura de massa dentro da criação literária é um recurso utilizado por Sant’Anna em suas produções artísticas que dialoga com uma questão cada vez mais presente no campo das artes. Já em 1936, Walter Benjamin, em “A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica” (2000), defendeu a ideia de que a arte relaciona-se às mudanças sociais. De acordo com sua teoria, com o surgimento da sociedade de consumo haveria uma alteração no valor antes conferido às obras de arte. Outrora sacralizada, a arte teria se tornado mercadoria graças ao desenvolvimento técnico que possibilitou meios para sua reprodução e divulgação. Como consequência das relações que se estabelecem a partir desse novo cenário, haveria também grandes mudanças na produção de subjetividades e, conseqüentemente, haveria, em nosso campo de trabalho, o surgimento de novas formas textuais. Com isso, apesar de todos os esforços empreendidos no sentido de criar uma estratificação consistente entre a alta e a baixa cultura, na qual a literatura ocuparia lugar de destaque, torna-se cada vez mais difícil fugir ao embaralhamento desses campos que, nos dias de hoje, se misturam, influenciando seus modos de funcionamento e diluindo, cada vez mais, as fronteiras rígidas que justificariam tais separações. Assim propõe Sérgio de Sá:

Os meios atuam como reavaliadores dos valores canônicos, isto é, os valores colocados no topo da pirâmide. Na literatura, são livros e autores que especialistas determinaram como os *top ten*, a nata etc. Mas alta cultura e baixa cultura perdem muito de seus sentidos (ou *muitos* de seus sentidos) com a confusão instalada. As fronteiras entre os discursos se confundem. Já não se pode dizer: tudo que é feito para satisfazer em larga escala é leviano. A comunicabilidade passa a ser valor importante. *Performance*. O artista divide-se entre a necessidade de entreter para se aproximar do público (já que o entretenimento é um traço forte e inegável do *mundo-media*; o entretenimento triunfa sobre a vida, diz o pesquisador Neal Gabler) e a tentação, ainda, de experimentar (e assim optar por se manter afastado) (SÁ, 2010, p. 19).

O importante espaço que a mídia e seus veículos de comunicação adquiriram ao longo do tempo, somado ao advento das novas tecnologias da informação, são fatores que estruturaram o que conhecemos hoje como fenômeno da midiaticização. Nele, a organização da sociedade passa a ser regida por determinadas lógicas e mecanismos, outrora pertencentes única e exclusivamente ao setor midiático, que passaram a permear outros campos e aspectos da sociedade. Essas transformações foram muitas vezes interpretadas como catastróficas para a literatura, uma vez que o avanço da cultura imagética e midiática diminuiria até o fim o interesse pelos livros. Mas, apesar de todo o pessimismo, vemos, em pleno século XXI, que a literatura não morreu. Os livros não deixaram de existir e, mais, este novo cenário, contrariando as expectativas dos mais pessimistas, parece ter contribuído para uma questão fundamental no fazer literário: a abertura de um espaço para a profissionalização do escritor brasileiro.

Santeiro sabe disso e, da mesma forma pela qual o personagem-escritor propõe que o romance de sua geração seja a vida exposta como ela é em uma tela de televisão para que alguém assista, Sant'Anna, ao discutir o papel do escritor na cultura midiaticizada, parece expor a sua atividade artístico-profissional como ela é, para que alguém a leia ou assista. A ideia de uma produção teatral, aqui, parece bastante proveitosa: toda peça é sempre encenada para alguém. E esse público, que pode ser real ou imaginário, parece ser um terceiro sempre incluído no diálogo, tendo, ao longo da trama, papel fundamental. Expondo-se e o seu trabalho em suas obras, o escritor aponta também outra questão bastante presente na literatura e na sociedade contemporâneas: a fronteira cada vez mais tênue entre o público e o privado. É, uma vez mais, deslizando entre conceitos supostamente dicotômicos que o autor se conecta novamente a uma tendência da sociedade midiaticizada de desestabilizar as fronteiras rígidas que separariam o público do privado para, no texto, subverter a ideia de intimidade, encenando-a tanto por meio dos seus personagens, quanto pelo jogo que tece com o espaço incerto que passeia entre a ficção e a sua própria vida como ela é, ou poderia ser.

Vemos isso ao mergulhar na escrita de Santeiro, na qual encontramos diversas referências aos dilemas da vida de um escritor. Seja pelas dificuldades encontradas no que se refere a um percurso de profissionalização da carreira, seja pela aparentemente necessária e perigosa ligação da literatura com o jornalismo cultural, seja pelo lugar do artista em um mundo cada vez mais midiático, Sant'Anna transborda o campo da ficção ao colocar em discussão, pela boca de seus personagens, uma série de questões que são ou poderiam ser suas. Nesse sentido, a escolha pelo personagem-escritor, opção recorrente em suas obras, é sintomática. Em seu mais recente livro, *Páginas sem glória* (2012), há a história de um autor que expõe sua produção para uma amiga-revisora, que anota seus comentários nas entrelinhas do texto, oferecido desta forma ao leitor (uma vez que o que está no livro não é a narrativa "original", mas as anotações da leitora-crítica). Em *O livro de Praga: narrativas de amor e arte* (2011), obra resultante da experiência do escritor no 'Projeto Amores Expressos', o narrador é, como Sant'Anna, um autor em viagem para escrever um romance. Em outras de suas obras, além da forte presença de personagens-escritores e de dados autobiográficos que se misturam à ficção, há, ainda, um forte diálogo entre a literatura e outras linguagens artísticas que convivem declaradamente no universo do escritor, como o teatro, a música, e as artes plásticas. Isto pode ser notado na entrevista concedida por Sant'Anna para o Fórum Virtual de Teatro e Literatura, programa da Universidade Federal do Rio de Janeiro, coordenado pela professora Beatriz Resende:

As artes plásticas, sem que eu possa precisar por quê, exatamente, sempre foram, como o teatro, uma provocação para eu escrever. Eu sempre considerei as artes plásticas as representações mais radicais entre todas as artes, principalmente no século vinte e mais ainda no princípio dele. E elas transmitem aos meus textos um clima de "representação", de plasticidade, de cenário, ao que escrevo (SANT'ANNA, 2014).

Essa estratégia de articulação entre vida e obra, autor e personagem, corresponde a outra tendência de diluição de fronteiras rígidas bastante presente na literatura contemporânea: as que separariam com clareza o real do ficcional. Sant'Anna, atento aos dilemas de seu tempo, parece, cada vez mais, utilizar processos de autoficcionalização para a construção de obras híbridas que, mais do que se

apresentarem como um novo gênero, se propõem justamente a questionar essas polaridades muito fixas. O questionamento de binômios, por sua vez, é notado em muitos aspectos de sua obra que constantemente problematiza outras fronteiras, para além das já mencionadas, como as que opõem a vigília ao sonho, o certo ao errado, o crime à inocência, o sacro ao imoral etc.

Tal aspecto de seu trabalho pode ser notado, por exemplo, no já citado *O livro de Praga: narrativas de amor e arte* (2011), da coleção Amores Expressos. O projeto, concebido pelo produtor Rodrigo Teixeira, enviou escritores brasileiros para passarem um mês em diferentes cidades do mundo com a tarefa de, a partir das experiências vivenciadas, criarem histórias de amor ambientadas nos cenários visitados. Desta forma, dezessete autores brasileiros de diferentes gerações foram convidados a integrar o projeto e viajaram para observar possibilidades amorosas na contemporaneidade. Com grande parte dos livros já publicados, o projeto apostou na experiência do deslocamento geográfico como combustível para a concretização da proposta inicial da coleção, que, como resultado final, se propõe a criar um quebra-cabeça literário, montado através de diferentes pontos de vista sobre o fenômeno amoroso no mundo de hoje. Típico exemplo de uma experiência editorial de convergência de mídias, o projeto previu a possibilidade de transposição dos romances para as telas cinematográficas, além da realização de um documentário sobre a estada dos escritores nas cidades para onde foram enviados e da criação de blogs pessoais nos quais todos os participantes registraram, cotidianamente, com textos, vídeos e fotos, as experiências vividas a partir da participação no projeto.

Em seu blog, Sant'Anna narra alguns aspectos de sua experiência no lugar que lhe foi destinado, Praga/República Checa. Em uma narrativa que se assemelha aos tradicionais diários de viagem, o escritor conta suas vivências como estrangeiro em terras não tão desconhecidas. Ao narrar as sensações vivenciadas nos primeiros dias de sua viagem, escreve:

Escrevo de um cibercafé, mas em plena Idade Média. Tudo é lindo por aqui e o hotel é em frente da Ponte Charles. Hoje à noite vou a um concerto de música de Mozart e antes vou dar uma passada num Museu (é tipo mafuá, pessoal) da Tortura na Idade Média. Tudo em busca de inspiração para uma

história de amor. Na última vez que estive em Praga, em 1968, compramos uns fantoches, eu e minha mulher, e eu improvisava histórias na hora para o escritor André Sant'Anna. Ele não conta, mas foi aí que aprendeu tudo. Só que agora prefere histórias pornográficas. Meses depois os russos entraram com os seus tanques. E é isso pessoal, mal estou chegando. Encontrei-me com Bernardo Carvalho no aeroporto Charles de Gaulle e ele havia perdido seu voo e mofava a espera do próximo para São Petersburgo. Meio preocupado com a bandidagem russa altas horas da noite. É assim o Amores Expressos, gente cruzando os ares de um lado para outro do mundo em busca de uma história. Abraços do Sérgio (SANT'ANNA, 2015).

No romance, que podemos também ler como um livro de contos no qual cada narrativa se encerra em si, há uma série de referências à experiência do escritor em sua viagem. Não bastasse o jogo que o autor estabelece com o seu leitor, ao direcioná-lo desde o início para o terreno incerto da indecidibilidade entre o que é experiência de Sant'Anna ou de Antônio Fernandes (narrador do livro), há, ainda, diferentes passagens que se relacionam às publicações escritas em seu blog. Com isso, o escritor não apenas investe na metaficção, como também exhibe para o leitor a problematização que estabelece entre as fronteiras do real e ficcional, ao trazer para dentro do livro as condições de produção do mesmo por meio da apresentação – ficcionalizada – do projeto do qual faz parte. Em todos os contos a narrativa é tecida em primeira pessoa pelo personagem-escritor-viajante e há uma ligação que reúne as histórias do livro. Propondo de início um acordo com o leitor, a apresentação do projeto é feita por Antônio Fernandes já em sua primeira narrativa de viagem, intitulada “A pianista” (2011). Nela, o personagem-escritor-viajante, assim como Sant'Anna relata em uma das publicações em seu blog, desembarca em Praga e, ao ver o anúncio de uma exposição no Museu Kampa, resolve ir a uma exposição de Andy Warhol, a *Disaster Relics*. Na exposição, enquanto estava entretido com imagens terríveis de acidentes automobilísticos e retratos de personalidades conhecidas vistas como produtos em linha de montagem, Fernandes ouve o som de um piano que desperta sua curiosidade e descobre se tratar de uma misteriosa musicista. É durante a negociação que faz com os mediadores do processo – pois apenas aqueles que são aprovados pela pianista e pagam uma alta quantia pelo concerto podem desfrutar da misteriosa experiência artística – que o narrador revela o motivo de sua viagem:

- Bem, senhor Fernandes, aqui no escritório do Museu não é permitido aos visitantes usarem a internet. Há um internet café logo ali no pátio. Mas, desculpe-me, é preciso informar tudo. O senhor recebe um patrocínio para quê?

Percebi que ela me tratava com um pouco mais de deferência e aproveitei a deixa.

- Faço parte de um projeto privado que envia escritores brasileiros a várias cidades do mundo, como Pequim, Tóquio, Cairo, fora as de sempre, Berlim, Paris, Nova York, para escreverem histórias de amor ambientadas na cidade que coube a cada um. Para mim foi designada Praga e fiquei muito feliz com isso. Me interessa tudo na cidade, inclusive as manifestações artísticas, como esse concerto. A música desperta fantasias sobre as quais se pode escrever, inclusive fantasias amorosas, ainda que de um amor platônico, da alma. (SANT'ANNA, 2011, p. 14)

A partir daí o leitor é convidado a adentrar no jogo narrativo que Sant'Anna e Fernandes constroem juntos. Esse jogo, uma vez mais, coloca em xeque uma série de questões relacionadas à articulação entre arte e vida, já que desestabiliza a confiança do leitor não apenas no narrador, mas também no escritor situado fora do livro e que, em atividade literária durante sua viagem para participação no “Projeto Amores Expressos”, escreve relatos supostamente “reais” em seu blog. Além do embaralhamento de pontos de vista entre o que é experiência do autor e o que do personagem-escritor, há, em grande parte dos contos do livro, um aspecto fantástico que coloca o leitor diante de histórias construídas entre o sonho e a vigília, o consciente e o inconsciente. É o caso, por exemplo, dos contos “A crucificação” (2011) e “A boneca” (2011), nos quais os acontecimentos narrados – cenas de sexo com uma santa e com uma boneca – são contados a partir de uma lembrança de um estado supostamente delirante ou sonâmbulo do personagem-escritor. Em um texto que aparentemente pretende manter-se próximo do real, Sant'Anna cria, com Antônio Fernandes, uma narrativa inverossímil. Essa ambiguidade, entretanto, ao invés de apresentar-se como uma falha narrativa, potencializa, no ponto de vista aqui apresentado, o interesse do autor em questionar não apenas o próprio conceito de real, mas a possibilidade de trabalhar com a escrita sem que esses campos sejam borrados.

Em outra de suas produções – o conto “Entre as linhas” (2012), do livro *Páginas sem glória* (2012) – temos acesso justamente à reflexão do autor sobre esses limites, contada na forma de uma apresentação da amiga-revisora que narra suas observações sobre a novela produzida por Fernando, personagem-escritor do conto. O texto se aproxima de uma produção ensaística sobre os processos de escrita e sobre a forma como a literatura e a vida se misturam nessa atividade. Na página que abre o livro, o personagem-escritor se apresenta em um único parágrafo:

Eu estava sentado numa poltrona, ela num sofá, diante de mim. A nos separar uma mesa baixa, sobre a qual havia uma jarra com mate, um balde com gelo e dois copos. Em suas mãos, as páginas impressas com a pequena novela que eu concluíra havia cinco dias e lhe enviara por e-mail, pedindo que ela a lesse o mais brevemente possível. Tão logo o fez, convidou-me a ir ao seu apartamento naquela noite de segunda-feira. De todos os meus amigos e amigas era nela que eu mais confiava para emitir um juízo crítico organizado, e nem por isso frio, sobre o meu trabalho. E, de fato, entre as linhas do meu texto, ela foi rabiscando outro texto, que lhe servia de base para o que ia me dizendo, embora, evidentemente, não se impedisse de formular outros pensamentos ali mesmo (SANT’ANNA, 2012, p. 7).

A partir desse parágrafo, Fernando ouvirá, sob a forma de um monólogo, as impressões tecidas por sua amiga sobre o texto que ele acabou de produzir. Como resultado, o que lemos não é a suposta narrativa original, mas as anotações e comentários da amiga-revisora que, apresentados de forma engenhosa, resultam numa composição textual que fisga a atenção do leitor para as diversas histórias ali espelhadas. Linha após linha, ela desfia observações que resgatam vestígios do dito texto, contando a história de Pedro e Viviane de forma cronológica e lacunar, convidando, assim, o leitor a preencher com a sua imaginação os vazios que são deixados. Não tendo acesso ao “texto original” tudo o que conhecemos dele nos é dado pelos olhos e pensamentos da narradora, também personagem do conto, que lê, interpreta, questiona e se emociona com algo que para o leitor só existe a partir de sua perspectiva. A história que conseguimos entrever é a de um escritor, Pedro, e de uma relação platônica de amor que estabelece com Viviane, sua musa inspiradora. Mas, paralelamente, lemos também a história de Fernando, contada a partir dos comentários que a amiga-revisora faz e que também apresentam, de forma ainda mais

lacunar, uma possível história dos dois. Desse jogo de espelhos lemos um contraponto ao texto produzido por Fernando, por meio não apenas dos comentários da amiga-revisora sobre a narrativa de amor em questão, mas também através de um questionamento constante sobre os processos de criação literária e, ainda, sobre a forte tendência a criações ficcionais metaliterárias na atualidade:

– Mas me incomoda, principalmente, que Pedro saia por instantes de si mesmo, para como se estivesse no edifício em frente, ver a si próprio diante do computador. Pelo amor de Deus, que história mais gasta, essa de um escritor angustiado diante da página ou da tela em branco, que ele pode preencher como quiser. Ou melhor, como conseguir – ela disse. – E que coisa horrível que ele inscreva nela o cadáver de um suicida na calçada. Aliás, me incomoda até, e muito, que a literatura seja tema da literatura, que o protagonista de uma obra seja o escritor, levando a maior parte do tempo uma vida tão solitária e mortificante, escrevendo a duras penas um livro sempre na iminência do fracasso, num processo contínuo de autoflagelação. Você corre o risco de o leitor perguntar: por que ele não para com isso de uma vez e vai fazer outra coisa? – ela disse. – Mas, vá lá, você não deixa de explicar: diante do fracasso em outros campos da vida, dois casamentos desfeitos e sem gerar filhos; um homem sem profissão definida, mal sobrevivendo de freelances da escrita, como revisões e traduções, não é de admirar que ele coloque todas as suas fichas, ou ilusões, num amor tão particular e na literatura, mas sob a ameaça contínua de perder em ambos, se é que não são indissociáveis em sua novela (SANT'ANNA, 2012, p. 10).

Com efeito, ao lermos os comentários tecidos, somos direcionados a uma série de questionamentos que nos remetem não apenas ao texto escrito por Fernando, como, também, a uma reflexão crítico-performática sobre as criações do próprio autor, uma vez que ficamos diante do recorrente jogo de espelhos que o leitor mais atento já pode tomar como típico. Além do conturbado relacionamento do personagem-escritor, estamos novamente diante da estratégia vertiginosa de Sant'Anna de trabalhar a escrita dentro da escrita, expondo-se, propositalmente, por meio desse recurso, para então, desmitificar o fazer literário.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. “A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica”. In: ADORNO et al. *Teoria da Cultura de massa*. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 221-254.

SÁ, Sérgio de. *O escritor reinventado: literatura e mass media*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SANT'ANNA, Sérgio. *Um romance de geração: teatro-ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. *O livro de Praga: narrativas de amor e arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. *Páginas sem glória*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. "Entrevista". Disponível em <http://www.pacc.ufrj.br/literatura/arquivo/entrevista_serpio_santanna.php>. Acesso em: 8 Abr 2014.

_____. "Blog". Disponível em: <<http://blogdosergiosantanna.blogspot.com.br>>. Acesso em: 20 Abr 2015.

Recebido em 03 de maio de 2015

Aceito em 29 de junho de 2015

Como citar este artigo:

BEZERRA, Nayara Marfim Gilaberte. "A encenação da escrita em Sérgio Sant'anna". **Palimpsesto**, Rio de Janeiro, n. 20, jan.-jun. 2015. p. 95-106. Disponível em: <http://www.pgletras.uerj.br/palimpsesto/num20/dossie/palimpsesto20dossie07.pdf>. Acesso em: *dd. mm. aaaa*. ISSN: 1809-3507.